Os Sinais de Galvão

A Carlos Studart Filho

Martinz de Aguiar

O matuto do Ceará tem um certo número de regras a que chama *sinais de Galvão* e que aplica ao cavalo, a fim de verificar se é bom ou mau. Delas, em geral, abona a veracidade, e por elas se guia nas suas negociações. Muitas vezes, há, para nós outros, leigos em matéria de equitação e hipologia, verdadeiras contradições entre alguns dêsses preceitos; mas, se lho notamos, logo nos redargúe que não, e passa a provar, pior ou melhormente, o que tem como verdade inconcussa. Baseiam-se as regras na qualidade e na quantidade de sinais que apresenta o quadrúpede. A mais interessante de todas tem disposição métrica:

Um é bom
dois é melhor;
três não presta,
quatro é pior;
cinco
é um brinco,
seis
é um reis;
de seis pra cima,
quanto mais melhor.

Isto é: o cavalo que tem um sinal é bom, o que tem dois é melhor, etc.

Há outras ainda que são dignas de menção. E' ótimo o cavalo que tem *cabeça de pato, ôlho de galgo, pescoço de galça;* o que apresenta duas *espadas romanas;*

o de cinco *alentos*. São bons o cavalo que tem um só *sinal encoberto* e o que tem uma só espada romana. O cavalo *cacete*, isto é, o que tem o vergalho preto, não enfrenta perigo e é bom num dia, mau no outro. O *agé* não merece confiança, por que costuma *quebrar o pé*. Quanto ao *gazo* ou *gaz*, de um milheiro se tira um bom, mas êsse não tem rival. O mesmo se dá com o *pampo* e o *rosilho*. O alazão é fresco, ao passo que o castanho é quente. O cavalo que tem um *redemunho* abaixo do ôlho é de vida curta. O que *bebe em branco* é *velhaco*. O pedrês é forte, mas tem o defeito de ser *tungão*. E' *manteúdo* o que tem as costelas perto do quadril; o que as tem longe é *sentidor*. Mas o melhor de todos os cavalos é o castanho-escuro sem sinal branco nenhum, e o pior é o cacete no dia em que está mau.

Muitas vezes a experiéncia popular se condensa e cristaliza em prolóquios: Cavalo agé quebra o pé. Não há poldro castanho lerdo, nem cavalo castanho ardo. Cavalo pedrês, não o vendas nem dês. Cavalo castanho-escuro pisa no mole e no duro e leva o dono seguro.

Conquanto seja o meu fim principal averiguar a identidade de Galvão, não posso entretanto fugir ao desêjo de dar primeiro uma vista de olhos à pinturesca linguagem matuta.

Ao primeiro exame, parece errónea a concordáncia *dois é melhor, três não presta*, etc. Como é que *dois, três*, que são plurais, não levam o verbo ao plural? Se observarmos atentamente, veremos que só essa concordáncia é que está de acôrdo com a sintaxe lógica. Se fosse *dois são melhores*, o que significaria? Esta coisa indefinida: que *dois sinais são melhores do que um*. E não é isso o que se quer dizer; mas que *ter o cavalo dois sinais é melhor* do que ter um só, ou, então, que *o cavalo de dois sinais é melhor* do que o de um só.

Brinco é um objeto de adôrno para as orelhas, e, por isso, entre nós também se chama brinco ao lobo, parte da orelha em que se coloca o adôrno. Como o brinco era outrora de alto valor, por ser de ouro incrustado de brilhante, começou a dizer-se de uma pessoa ou coisa que merece estimação que *é um brinco*, que *está um brinco*, que *fica um brinco*. Daí, pro-

clamar a regra que o *cavalo de cinco sinais é um brinco*, para o que concorreu também a rima entre *cinco* e *brinco*. Como se sabe, é hoje muito comum entre as moças dizer de uma coisa boa que *é daquí* ou, por gaiatice, *daclí*, expressão a que dão sentido levando a mão ao lobo da orelha. Isto, pois, significa que o objeto a que elas aplicam a expressão é um *brinco*, *tem valor inestimável*. Êste costume está vencendo o anterior, que consistia em dizer de uma coisa que *era um* e terminar a frase, depois de uma pausa, com a apresentação do lobo da orelha direita, isto é, do *brinco* dela.

A forma *reis*, em vez de *rei*, está no caso de *ilhós* por *ilhó;* é, portanto, segundo alguns autores, um plural tomado como singular; mas eu penso que é um singular deduzido do plural duplo *reises* (pronunciado *rêzes*), muito usado na expressão *dia de reises*. O cavalo de seis sinais é *um reis*, isto é: é o primeiro dentre os seus iguais.

Galça outra coisa não é senão *garça*. A passagem de *r* a *l* não é própria da dialetação cearense. Entre nós, as duas líquidas teem sorte muito diferente. Enquanto o *l* se vocaliza em *u*, o que já se dava no mesmo latim, ou se mantém apoiado a uma vogal atenuada, como acontece com o *l* de pausa lusitano, dizendo-se *silivestre*, *málu*, por *silvestre*, *mal*, o *r* pode cair, mas nunca se altera. Portanto, a forma *galça* é devida a uma influéncia analógica de *galgo*, com que está em contacto.

Espada romana é uma espécie de remoínho formado por cabelos laterais do pescoço do cavalo, a partir do *encaixo* da cabeça para trás, não em espiral, mas em linha reta, à maneira e semelhança de *espada*. Quanto maior a espada, melhor o cavalo.

Alento é uma palavra do português geral. E' cada um dos orifícios que se encontram dentro das ventas dos cavalos. O nome lhes vem do fato de ser por êles, como afirma o sertanejo, que o cavalo toma *alento* ou fôlego. Só podem ser dois, três ou cinco. O cavalo de dois alentos é comum, o de três é bom, o de cinco ótimo.

A palavra *cacete* está explicada pela própria aplicação que tem. Com êste sentido é um brasileirismo, provàvelmente do norte.

Agé não é mais do que *argel*. Para o português geral, porém, é argel o cavalo que tem pés brancos. Para nós, só o é se tiver branco o pé direito, tal como em espanhol, ou se tiver um *sinal atravessado*, isto é, pé direito e mão esquerda brancos, ou pé esquerdo e mão direita brancos.

Gazo ou *gaz* o mesmo é que *gázeo*. Designa, pois, o cavalo albino, que tem olhos, pêlo e couro despigmentados. *Gazo* é popular e familiar, *gaz* é simplesmente matuto.

Pampo usa-se em referéncia ao cavalo de duas côres. Está por *pampa*, que também se ouve, como *corcundo* a par de *corcunda*.

Rosilho é, para nós, o cavalo castanho com muito pêlo branco mesclado ou, como para o espanhol, de cuja lingua nos veio o termo, aquele cujo pêlo é misturado de branco, preto e castanho. A palavra dá margem a uma interessante observação. Morais (edição facsimilada) identifica-a com *rusilho*, para que remete o consultor. Mas não regista *rusilho* e, sim, *russilho*, prova de que foi vítima de um êrro tipográfico. Para o grande dicionarista, pois, *rosilho* e *russilho* são fórmas divergentes da mesma palavra, que êle define erradamente: «còr russa com còr de rosa mesclada». O *Dicionário Contemporâneo*, levado por essa idéa de cor de rosa, a que dá lugar de relêvo na sua definição, deriva *rosilho* de *rosa* com o sufixo *ilho* e consigna *russilho*, mas como outro vocábulo, derivado de *russo*. O *Contemporâneo* foi, por sua vez, seguido quanto à definição, já não pròpriamente errónea, mas ainda bem defeituosa, e quanto à independéncia de *russilho*, por Cándido de Figueiredo e Jaime de Séguier. João Ribeiro não errou a definição, apenas foi incompleto. Também considerou *russilho* palavra independente. Agora, examinemos a questão. Primeiramente, é necessário afastar da definição do *rosilho* essa idéa de cor de rosa, que só de fugida e de longe se pode notar no cavalo assim chamado. A palavra não vem de *rosa*, mas, como o reconhece Cándido de Figueiredo, do castelhano *rosillo*, derivado de *roso*, que mais não é do que o nosso *roxo*. Depois, o estudo atento da significação pelos dicionaristas emprestada a *russilho*, ou, antes, *rucilho*, leva-nos à conclusão irrefragável de que essa palavra não é senão o mesmo *ro-*

silho, como parecera a Morais. O cavalo *rosilho* tem sempre pêlos brancos, *ruços*, e por isso a palavra *rosilho* foi contaminada pela palavra *ruço*, vindo a ter também a forma *rucilho*, que, diga-se de passagem, não é conhecida no Ceará.

Redemunho é forma popular de *redemoínho*, perfeitamente normal e acorde com a fonética fisiológica. Está nas mesmas condições de *pegulho* por *pegoílho* (pe-gu-i-lho, pe-gúi-lho, pe-gu-lho), do dialetismo lusitano *munho* por *moínho* e dos populares *rue* (*u* nasal) e *rõe*, o primeiro brasileiro e lusitano, o segundo sómente lusitano, por *ruim* (1).

Beber em branco é uma figura muito bem empregada, diz-se do cavalo que *tem branco o beiço inferior*, aquele com que bebe.

Velhaco é o cavalo que, por negaceador, não se deixa pegar com facilidade. E', pois, a particularização de um sentido (*enganador*, *traiçoeiro*) que o vocábulo tem no português geral

Tungão é um adjetivo iterativo do verbo *tungar* (tupí *tunga*) e significa *lerdo*, naturalmente por intermédio de *teimoso*.

Manteúdo é o particípio arcaico de *manter* tomado ativamente e em sentido favorável. *Manteúdo* quer dizer *que se mantém em bom estado*. E' o contrário de *sentidor*, cujo significado é *que se molesta fàcilmente*.

Quebrar o pé vale por *mancar dêle, não tê-lo seguro como aos outros*. O verbo está figuradamente empregado.

Ardo, por *árdego*. Conquanto seja popular a terminação átona *ego*, sufixal ou não, não é de todo infundado explicar *ardo* como contração de *árdego*. Mas quer-me antes parecer que esteja por *árduo*. *Árdego* é possívelmente um derivado do radical de *arder* com o sufixo *ego*, forma popular de *ico*, e significa *ardente*, *fogoso*; *árduo* é uma importação erudita do latim *arduus* e significa *difícil*, *custoso*. O povo, porém, ouvindo *árduo* aos letrados, identificou-o com *árdego* e disse *tarefa árdega*; portanto, podia dizer também, opos-

(1) A pronúncia *rue* (*u* nasal) é tão comum no português europeu, que Louise Ey a julga tão legítima quanto *ru-im* (*Portuguese Conversation-Grammar*, «second edition, Heidelberg, Julius Gross, 1922», pag. 38.).

tamente, *cavalo árduo* (*ardo*). Se de fato há em Portugal a pronúncia *ardêgo*, única registada por Cándido de Figueiredo e Gonçalves Viana, contra a prosódia notada pelo *Dicionário Contemporâneo*, que é a de todo o Brasil, foi até mesmo pela confusão entre *ardêgo* e *árduo* que se chegou a *árdego*. A palavra teria sido formada como *labrêgo*, e logo depois, confundindo-se com *árduo*, ter-se-ia dado um cruzamento.

Se é interessante, como se acaba de ver, o estudo da linguagem em que estão expressos os *sinais de Galvão*, mais interessante ainda é indagar da razão por que lhes chamaram assim. O sr. Gustavo Barroso informa que «Galvão é um alveitar ou alquilador lendario» (*Terra de Sol*, 2ª. ed., p. 96). Pela própria dubiedade que nos depara a afirmação, vê-se claramente que o ilustre escritor bebeu em fonte impura ou ouviu mesmo citar os sinais e falar em Galvão, mas não teve conhecimento da lenda em que envolvem êsse nome e arranjou-lhe, por mera dedução, o ofício de alveitar ou o de alquilador. Entretanto, que um alquilador, indivíduo que *alquila*, que aluga, alimárias para transporte, procurasse conhecer bem o valor dos cavalos—compreende-se perfeitamente. Mas que o fizesse também um alveitar, que é um veterinário prático, isso é que se não entende bem ou de maneira nenhuma se entende. A suposição, aquí, é manifestamente errónea.

Galvão era um cavaleiro, conforme a lenda que recolhí nos sertões da Mombaça.

Esforçado, cheio de nobres feitos e vitórias esplendentes, teve a suprema infelicidade de cegar e cair nas mãos de inimigos impiedosos. Encerraram-no em fortaleza circunvalada, onde, inteiramente só, não se podia comunicar com pessoa alguma. No dobar dos tempos, conseguiu afinal inteligéncia com o exterior e pediu que lhe comprassem um cavalo castanho-escuro sem sinal branco nenhum. Mandaram-lhe um belo animal castanho-escuro de pé direito branco. Êle não o quís, por que, como explicou, saltaria o desmesurado fôsso que ilhava a fortaleza, mas seria logo depois traído pelo pé branco, expondo-o assim à fúria recrescida dos inimigos. Trouxeram-lhe afinal um cavalo tal como recomendara: castanho-escuro, sem sinal branco nenhum. Iludindo a vigilán-

cia da guarda, montou o corcel, fê-lo saltar de um pulo o barranco e na margem de lá pôs à garupa um menino, de frente para a traseira. De quando em quando perguntava ao menino como era a bêsta inimiga que mais de perto o perseguia e, conforme as respostas, dirigia a sua ora para o molhado, ora para o sêco. Afinal, os inimigos cansaram de perseguí-lo, e êle viu-se salvo, graças à experiéncia que durante a sua vida adquirira no trato constante com os cavalos.

Agora, sabendo-se que Galvão é um cavaleiro, e não um alveitar ou um alquilador, será difícil identificá-lo, na história ou na lenda ?

Antes de entrar nessa indagação, quero referir o caso duma família de *Lapexís*, moradora em Maria-Pereira, município da Mombaça, que teve o cognome mudado no de *Galvão*.

Manuel Lapexil era um velho andador que vencia, como propalava e reafirmavam, trinta leguas diárias. No espaço de quatro ou cinco dias, vinha à Fortaleza, concluía os seus negócios e voltava, excedendo em velocidade muitos que montados faziam igual percurso. Começaram por isso a chamar-lhe Manuel *Galvão*, apelido por que ficou sendo conhecida toda a família, que não sabe hoje que relação poderia haver entre a palavra Galvão e o fato de ser andarengo o seu velho chefe. Mas é evidente que não foi senão lembrança do cavaleiro cego, que, com os seus bons e escolhidos cavalos, encurtava as distáncias, assim como a pé o fazia Manuel Lapexil.

Afinal, que cavaleiro será êsse da lenda mombaçana? A história verídica não nos dará resposta, mas a história romanesca satisfazer-nos-á plenamente.

A terceira parte das novelas medievais de cavalaria do ciclo bretão, constituída pela célebre *Demanda do Santo Graal*, conta como os cavaleiros da Mesa (ou Távola) Redonda se puseram à procura do vaso sagrado. Dos 149 do séquito del-rei Artur, senhor de Logres, foi o de nome *Galvão*, sobrinho del-rei, quem, em Camalote, primeiro jurou entrar na demanda e mantê-la «hûu anno e hûu dia e, pella ventura, mais». El-rei Artur não queria que Galvão saísse a

campo, por que sôbre êle pesava o mau augúrio de fazer «tam gram dapno nos cavalleiros, que todo o seu linhagem não o poderá cobrar». Apesar da obediéncia devida ao seu soberano, entregou-se decididamente à empresa e viu-se parte em muitas façanhas. Teve, entre outros, em frente à cidade de Gaunes, um combate singular com Lançarote. Foi nessa batalha que «pres Galvan hûu tal golpe, de que pois non pode guarir, ante o chegou aquela chaga a morte». Mal tinha êle precàriamente sarado, e já el-rei, que só por isso esperava, saía contra o imperador de Roma, que estava na Bretanha e pretendia tomar a Gaula e passar para o reino de Logres. Feriu-se o combate entre as hostes dos dois monarcas, sendo vitorioso el-rei Artur, que, no mesmo dia em que se cingia de louros, recebia más notícias do seu reino. O seu sobrinho Mordareto, irmão de Galvão, rebelara-se contra a sua soberania e fizera-se coroar rei. Galvão saíra da batalha «achagado a morte», mas acompanhou o tio contra Mordareto. Logo, porém, que pisou em terra, morreu, sendo o cadáver levado para o castelo de Crós. (2)

Alterada embora a lenda, senão contaminada ou adaptada, na boca do nosso matuto, é irretorquìvelmente certo que o Galvão dela e o Galvão da *Demanda do Santo Graal* são a mesma personagem fabulosa. O fato não causa estranheza a quem conhece a lição dos pesquisadores. O D. João Tenório, de Tirso de Molina, foi-se alongando do original, cada vez mais e tanto, que os franceses inventaram um D. João de Marana, cuja existéncia houve depois quem tentasse justificar. Foi o nome dêsse D. João de Marana que deu título à obra em que Alexandre Dumas, na frase de Van Gennep, «amalgamou Tirso de Molina, Molière e Mérimée» (3).

Por ser Galvão um cavaleiro célebre, o nosso matuto atribuíu-lhe as regras, que são com certeza,

---

(2) A *Demanda do Santo Graal* foi em grande parte publicada na *Revista de Lingua Portuguesa* pelo Pe. Angusto Magne. E' a essa lição que refiro as minhas citações.

---

(3) *La Formation des Légendes*, Paris, Flammarion, 1920; pag. 226.

envolvidas ou não em lendas explicativas, não sòmente do Ceará, não sòmente do Brasil, mas da tradição universal (4), por que nasceram da experiéncia dos séculos e por que, como diz Stith Thompson (5), há muita matéria comum na literatura popular do mundo, consistindo muitas vezes as semelhanças, não só em histórias completas, mas ainda em simples motivos.

Vou terminar êste rápido e descolorido estudo com uma nota filológica acêrca da expressão *santo graal*. *Graal*, palavra de origem incerta, é o vaso sagrado de que Jesus se serviu na última ceia, com os apóstolos, e em que depois José de Arimatéa recolheu o sangue das chagas de Cristo. Portanto, só se pode dizer *santo graal*, como *santo vaso*, e nunca *são*, que só tem cabimento como título, indicador de um lugar na hierarquia celeste. Entretanto, alguns escritores, por manifesto êrro, teem dito *são graal*, como se se tratasse de um santo do catolicismo. Êsse êrro é evidentíssimo nos seguintes versos, do sr. Carlos Góis, que, além de poeta, é prosador, folclorista e gramático (6):

> Impelle a redempção de toda a Palestina
> O desejo incontido á guarda do Sepulcro
> E a suprema conquista ao *vaso de São Graal*.

Vaso de São Graal, como se graal fôsse um santo que possuísse um vaso e quando *graal* é o mesmo *vaso!*

---

(4) E' interessante consultar o Conde de Fornos de Algodres, *Compendio de Equitação e de Hippologia Pratica*, 2.ª ed., L.xª, 1898.

---

(5) *Motif-Index of Folk-Literature*, «volume one», «studies nos. 96, 97» dos *Indiana University Studies*, «vol. XIX, June, September, 1932»; pg. 2.

---

(6) *Paladinos*, «in» *Revista Escolar do Instituto de Humanidades*, volume IX, Ceará, 3.